

EDITORA UNIVERSITÁRIA
UNIGUAÇU

U
FACULDADE
UNIGUAÇU

A Vigília na Torre do Silêncio



Marcos R. Müller

Marcos R. Müller

**A Vigília na Torre do
Silêncio**

São Miguel do Iguaçu – PR
2026

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

Editora Universitária Uniguaçu

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização prévia, por escrito, da editora ou dos autores.

Faculdade Uniguaçu – Sede. Rua Valentim Celeste Palavro, n. 1501, São Miguel do Iguazu – PR. CEP 85877-000.

Faculdade Uniguaçu – Unidade Foz. Avenida Felipe Wandscheer, n. 2435, Bairro Vila Yolanda, Foz do Iguazu - PR. CEP 85853-430.

Faculdade Uniguaçu – Unidade Palotina. Avenida Presidente Kennedy, n. 2300, Bairro Jardim Itália, Palotina - PR. CEP 85950-000. Tel.: (45)3190-0318.

Site institucional: <https://uniguacu.com.br>.

Instagram: @faculdadeuniguaçu.

E-mail: editora.universitaria@uniguaçu.com.br.

Editor responsável: Fábio Aristimunho Vargas

Copyright © 2026 / Faculdade UNIGUAÇU

Todos os direitos reservados

Catálogo na Publicação (CIP)

M958v

Müller, Marcos R.

A vigília na torre do silêncio [recurso eletrônico] / Marcos Ricardo Müller --- São Miguel do Iguazu: Editora Universitária UNIGUAÇU, 2026. 55 p.; 21 cm

Requisitos do Sistema: Leitor de PDF

Modo de acesso: World Wide Web

Publicação digital (e-book) no formato PDF.

ISBN: 978-65-83057-26-6

1. Ficção brasileira. 2. Conto brasileiro (Literatura). 3. Conto de terror. I. TÍTULO.

CDD – B869.93

26-0003

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO



Mantenedora

UNIÃO DE ENSINO SUPERIOR DO IGUAÇU LTDA. – UNIGUAÇU

Mantenedores

Daniel Ribeiro da Silva / Renata Beckers / Roberto Régis Ribeiro

Mantida

FACULDADE UNIGUAÇU

Diretor Geral

Daniel Ribeiro da Silva

Diretor Geral da Graduação

Fábio Corbari

Diretor Pedagógico

Marcos Ricardo Müller

Diretor Acadêmico

Jacinto Vagner Rupp

Diretor de Expansão

Roberto Régis Ribeiro

Coordenadora de

Expansão e

Desenvolvimento

Daniela Kerkhoff Serqueira

Coordenadora Pedagógica

Liane Piacentini

Pesquisadora Institucional

Claudia Symone Dias Roland

Coordenadora de Pesquisa e Extensão

Priscilla Guedes Gambale

Secretária Geral

Beatriz Marilene Schimdt Bueno

Coordenador Editorial

Fábio Aristimunho Vargas

Editores da Editora Universitária

Uniguaçu

Fábio Aristimunho Vargas

Fábio Corbari

Conselho Editorial da Editora Universitária Uniguaçu

Dr. Alex Munguía Salazar (Benemérita Universidad Autónoma de Puebla – México)

Dra. Danielle Acco Cadorin (Faculdade UNIGUAÇU)

Dr. Fábio Aristimunho Vargas (Faculdade UNIGUAÇU)

Dr. Fábio Corbari (Faculdade UNIGUAÇU)

Dra. Francielle de Camargo Ghellere (Faculdade UNIGUAÇU)

Dra. Graciela Maiara Dalastra (Faculdade UNIGUAÇU).

Dr. Herivelto Beck de Souza (Faculdade UNIGUAÇU)

Dr. Marcos Ricardo Muller (Faculdade UNIGUAÇU)

Dr. Pablo Wenderson Ribeiro Coutinho (Faculdade UNIGUAÇU)

Dra. Priscilla Guedes Gambale (Faculdade UNIGUAÇU)

Dr. Rodrigo Cesar dos Reis Tinini (Fundação Bradesco)

Dr. Wagner Menezes (Universidade de São Paulo)

Revisão

Fábio Aristimunho

Capa e projeto gráfico

Marcos R. Müller

DEDICATÓRIA

Aos que encontram beleza na quietude das noites e coragem
no confronto com o desconhecido.

CONTEÚDO

	Agradecimentos	i
1	Despedida e Partida	1
2	A Torre da Solidão	5
3	Primeiras Perturbações	10
4	O Diário Perdido	14
5	A Descoberta da Caverna	18
6	A Presença Invisível	22
7	A Decadência da Mente	27
8	O Mal Que o Habita	32
9	O Confronto Final	37
10	O Eco da Torre	42

AGRADECIMENTOS

Nenhuma história nasce sozinha, nem mesmo aquelas que exploram a solidão. Agradeço ao leitor, cujo interesse impulsiona o nascimento de novas histórias.

Aos mestres e às obras do terror, que despertaram em mim o fascínio pelo desconhecido e o desejo de explorar seus mistérios.

Que esta obra seja mais uma fagulha no vasto e sombrio universo da imaginação.

1 DESPEDIDA E PARTIDA

Ethan L. Carter se abaixou pela terceira vez para ajustar a alça de sua mala, mas, na verdade, não precisava. A alça estava firme, o zíper fechado, e o pequeno cadeado balançava sem utilidade. Ele apenas adiava o inevitável. O apartamento estava praticamente vazio agora, ecoando com aquele tipo de silêncio que só existe depois que uma vida inteira de ruídos foi empacotada em caixas e malas. No chão, as marcas desbotadas dos móveis ainda contavam onde a escrivaninha ficava, onde a cama o sustentava em noites inquietas, e onde Mary Anne costumava jogar seus sapatos depois de longos dias de aula.

Ethan suspirou, apoiando as mãos na cintura e olhando ao redor. Na mesa de café, que ali permanecia, um porta-retratos vazio o encarava de volta, o vidro já rachado na base. Ele havia removido a foto, um retrato antigo de seus pais, ele e sua irmã rindo na frente da velha cabana de férias. Uma cabana que não existia mais, assim como eles. O acidente estava sempre ali, um

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

peso invisível em seus ombros, que as paredes finas de seu apartamento alugado não podiam esconder.

Mary Anne também não estava mais ali. Não que ele quisesse que estivesse. As últimas semanas do relacionamento haviam sido como remar em águas contra a corrente: exaustivas, previsivelmente inúteis. “Eu acho que você precisa de espaço”, foram as últimas palavras dela, ditas com uma voz tão cansada quanto a dele.

Foi nessa mesma semana que Ethan viu o papel amarelado preso ao quadro de avisos da faculdade. A tinta estava desbotada, mas ainda legível: “Precisa-se de guarda florestal temporário. Acomodação fornecida. Local: Floresta Nacional Tongass, Alasca. 3 meses. Sem experiência necessária”.

Ele tirou o papel do quadro sem pensar muito, dobrando-o com cuidado e enfiando-o no bolso. Sabia que era uma fuga. Mas às vezes fugir era tudo o que alguém podia fazer.



O ônibus estava meio vazio naquela manhã de domingo, o tipo de vazio que fazia o zumbido do motor parecer ainda mais alto. Ethan apertou o casaco ao redor de si, mesmo que o ar ainda não estivesse frio. As folhas das árvores já começavam a amarelar nas laterais das rodovias, anunciando o outono. Ele

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

pensou em como Mary Anne teria amado aquele tipo de cenário, mas afastou o pensamento antes que pudesse se aprofundar.

A viagem era longa e solitária, pontuada apenas pelo som de pneus no asfalto e o movimento ocasional de alguns poucos passageiros mudando de posição. Ethan usava a solidão como um casulo. Olhava pela janela, os olhos fixos na paisagem enquanto a mente vagueava. Ele quase desejou que houvesse mais caos ao seu redor, algo para puxá-lo de volta ao presente.

Quando finalmente chegou ao pequeno aeroporto que o levaria ao Alasca, sentiu-se minúsculo entre as vastas paisagens que já começavam a se revelar pelas janelas do pequeno terminal privado. Montanhas cobertas de neve cintilavam ao longe como fantasmas de gelo, e o céu parecia mais aberto do que qualquer coisa que ele já havia visto. Ethan não era estranho à solidão, mas aquilo era diferente. A vastidão parecia pulsar onipotente.



O avião era pequeno e tremia a cada rajada de vento. O piloto, um homem com uma barba cheia e olhos risonhos, tentou fazer conversa, mas Ethan estava longe demais em seus pensamentos para responder com mais do que monossílabos. O céu era tão azul que doía olhar, e a floresta lá embaixo se

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

estendia como um tapete interminável de verde e sombras. Tongass, a maior floresta nacional dos Estados Unidos, tão vasta, e dali, tão vazia de qualquer outra coisa que não fosse verde e marrom.

Quando o avião pousou em uma clareira que parecia quase improvisada, o piloto acenou e desejou boa sorte. Ethan desceu com sua mala e olhou ao redor. A entrada do parque era marcada por um portão de madeira envelhecida e uma pequena placa metálica indicando o nome do local. Não havia ninguém esperando por ele, o que já fora explicado no telefonema da entrevista. Mas ainda assim, a ausência de qualquer presença humana era desconcertante.

Preso ao portão estava um envelope amarelo, com seu nome escrito em uma caligrafia apressada. Dentro, havia uma chave, um mapa rabiscado à mão, e uma mensagem curta: “Bem-vindo, Ethan. Siga o caminho marcado até a Torre de Observação 17. Contato pelo rádio todos os dias às 18h. Boa sorte”.

Ele segurou o papel por um momento, os dedos quase congelando contra a brisa que já trazia o cheiro de abetos. Enquanto respirava fundo e olhava para o caminho de cascalho à frente, não pôde deixar de sentir que estava cruzando uma linha invisível, entrando em algo novo.

Ethan apertou a chave na palma da mão, ajustou a alça da

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

mala no ombro e começou a caminhar.

2 A TORRE DA SOLIDÃO

O sol quase já se punha quando Ethan chegou ao fim do caminho. À sua frente, erguia-se a Torre de Observação 17, uma estrutura de madeira enegrecida que parecia resistir ao tempo por pura teimosia. Ela se destacava contra o céu alaranjado como uma cicatriz, seus contornos recortados agora pela luz difusa do crepúsculo. Os degraus que levavam ao alto rangeram sob o peso de suas botas, um som que parecia ecoar na vastidão silenciosa da floresta ao redor. Era um tipo novo de solidão, mas Ethan tentava se convencer de que era exatamente o que queria e precisava.

No topo, empurrou a pesada porta da cabine, que se abriu com uma queixa rouca. O interior da torre era funcional, mas desprovido de qualquer charme. Uma cama de metal com um colchão fino ocupava um canto, coberta por um cobertor cinza que cheirava a mofo. Um pequeno fogão a lenha e um aquecedor estavam encostados à parede oposta, ao lado de um

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

estoque de lenha que parecia recém-reposto. No centro, uma mesa de madeira com marcas de queimaduras e cortes servia como estação de trabalho, com um rádio antigo em cima.

Ethan largou sua mala no chão com um suspiro. O som reverberou pela cabine, aumentando a sensação de vazio. Tudo ali parecia usado, desgastado por anos de negligência e por presenças que haviam passado sem deixar rastro, exceto pelos pequenos detalhes: marcas de arranhões na madeira das paredes, um par de botas velhas jogadas em um canto, e um diário em espiral, esquecido no peitoril da janela.



Ethan abriu o diário naquela mesma noite, sentado à mesa com a luz fraca de uma lâmpada de querosene iluminando as páginas. A caligrafia era irregular, como se o autor estivesse escrevendo enquanto olhava constantemente por cima do ombro. As primeiras páginas descreviam uma rotina semelhante à que ele deveria seguir: rondas diárias, relatórios meteorológicos e verificações por rádio. Mas, conforme avançava, o tom das anotações mudava. O autor começava a relatar noites sem dormir, um “peso estranho” na atmosfera, e a sensação persistente de ser observado.

Quando chegou às últimas páginas, Ethan notou que estavam rasgadas. Apenas uma frase permanecia legível:

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

“Não estou sozinho aqui”.

Ele fechou o diário com força, como se o ato de o fechar pudesse selar também a inquietação que começava a se formar dentro dele. Olhou pela janela da torre, que oferecia uma vista panorâmica da floresta. As árvores se estendiam até onde a vista alcançava, suas copas balançando suavemente ao vento. Naquele momento, a vastidão que antes parecia libertadora agora parecia opressiva.



Os primeiros dias na torre foram consumidos pela rotina, uma tentativa de Ethan de manter a mente ocupada. Acordava cedo, cortava madeira e alimentava o fogão a lenha antes que o frio matinal se tornasse insuportável. Durante o dia, usava um par de binóculos antigos para escanear a floresta, procurando por sinais de fumaça ou atividade humana. Nas rondas, enfrentava o velho quadriciclo, que roncava e tossia antes de finalmente ceder ao seu comando.

O rádio era seu único ponto de contato com o mundo exterior. Todos os dias, às 18h em ponto, ele fazia contato com a base. As vozes do outro lado eram educadas, mas impessoais. “Tudo bem aí, 17?” perguntavam, e ele sempre respondia: “Tudo tranquilo”. Mas a verdade era que, com cada dia que passava, ele sentia a floresta ficando estranha ao seu redor.

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

Não fisicamente, mas de alguma forma, mais viva, mais presente.



As noites eram um desafio. No silêncio absoluto, cada rangido da madeira da torre parecia amplificado, cada sopro de vento um sussurro fantasmagórico. Ethan começava a perceber detalhes estranhos que antes haviam escapado aos seus olhos: marcas que pareciam de unhas nas vigas do teto, como se alguém tivesse arranhado a madeira com desespero; pequenas manchas escuras no chão, que tentou dizer a si mesmo que eram apenas sujeira.

Na terceira noite, acordou sobressaltado, com a sensação clara de que havia ouvido algo. Passos, ou talvez o som de algo pesado roçando contra a lateral da torre. Pegou a lanterna e desceu os degraus devagar, o coração martelando no peito. Lá embaixo, tudo parecia em ordem. Apenas a floresta o encarava, imóvel e indiferente.

Quando voltou para a cama, lutou contra o sono, mas, quando finalmente cedeu, sonhou com o diário. No sonho, as páginas rasgadas estavam de volta, mas as palavras nelas escritas pareciam mudar enquanto ele lia, formando frases que ele não conseguia entender, mas que o enchiam com um medo inexplicável.

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO



No quarto dia, enquanto escaneava a floresta com o binóculo, teve a sensação de que algo o observava de volta. Não sabia explicar, mas era como se as sombras entre as árvores estivessem mais densas e pesadas. Por um momento, pensou ter visto movimento: uma forma indistinta, grande demais para ser um animal, pequena demais para ser um veículo. Ele baixou os binóculos e piscou, mas quando olhou de novo, tudo estava como antes.

Ethan L. Carter não estava sozinho na Torre 17. Ainda não sabia disso, mas a solidão que sentia era apenas o prelúdio de algo mal em sua essência.

3 PRIMEIRAS PERTURBAÇÕES

A quarta noite na torre começou como todas as outras, com Ethan deitado na cama, envolto pelo som suave da floresta. O vento agitava as copas das árvores, e o ranger ocasional da estrutura de madeira e aço o fazia lembrar que aquele lugar não era novo, e talvez, nem tão confiável. A lâmpada de querosene ao lado da cama lançava sombras dançantes nas paredes.

Quando o sono finalmente chegou, foi abruptamente interrompido.

Ethan despertou com um sobressalto, os olhos arregalados fixando o teto escuro. O que o acordara não era um sonho, mas um som. Passos. Pesados e deliberados, subindo os degraus da torre.

Ele prendeu a respiração, esperando que o som parasse. Mas os passos continuaram, cada ranger dos degraus enviando um arrepio pela sua espinha. Com a mão trêmula, alcançou a

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

lanterna ao lado da cama e a ligou, lançando um feixe de luz pelo aposento. O coração martelava em seu peito enquanto escutava... e então, silêncio.

Por um longo momento, tudo permaneceu imóvel. O vento lá fora cessara, parecia que até a floresta estava prendendo a respiração. Ethan finalmente reuniu coragem e desceu da cama, os pés descalços tocando o chão frio. Segurava a lanterna como uma arma, o feixe oscilando enquanto descia as escadas com cuidado.

Lá embaixo, o portão enferrujado estava trancado, exatamente como ele deixara antes de dormir.



Na manhã seguinte, se convenceu de que fora apenas sua imaginação. A solidão, o isolamento, e talvez o cansaço estavam começando a afetá-lo. Ele limpou a mente cortando lenha e verificando o estoque, mas a sensação de que algo estava errado persistia.

Mais tarde, enquanto preparava um chá no fogão a lenha, percebeu algo estranho. A caneca que usava diariamente estava fora do lugar. Ele tinha certeza de que a deixara sobre a mesa na noite anterior, mas agora estava em cima da estante perto da janela. Riu nervosamente, sacudindo a cabeça. *Devo ter esquecido*, pensou. Mas a explicação parecia menos convincente

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO



No quinto dia, Ethan decidiu fazer uma ronda mais longa. Pegou o velho quadriciclo, que, como sempre, tossiu e reclamou antes de finalmente ligar. O motor vibrava sob ele enquanto atravessava as trilhas marcadas no mapa. O ar da floresta era denso, úmido, carregado com o cheiro de terra e resina de abeto. As árvores pareciam mais altas ali, seus troncos grossos formando paredes naturais que quase bloqueavam a luz do sol.

Pilotou por quase duas horas antes de avistar algo que o fez parar. Uma árvore, diferente das outras, com marcas profundas na casca. Símbolos que pareciam esculpidos à mão, em uma linguagem que não reconhecia.

Ethan desmontou do quadriciclo e se aproximou, examinando os símbolos com cuidado. Eram intrincados, curvando-se em padrões sem sentido para ele. Um triângulo com uma linha atravessando-o, um círculo com pequenos cortes ao redor, como dentes. Pegou o mapa e comparou a localização. A trilha onde estava marcado não coincidia com nenhum símbolo ou ponto de referência. *Se eu tivesse meu celular aqui, poderia tirar uma foto disso*, pensou, frustrado. Desde o pouso do avião, o aparelho estava sem sinal, como esperado, e, a essa altura, provavelmente descarregado. *Talvez o velho*

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

gerador pudesse ajudar com isso, considerou brevemente.

Os pássaros haviam parado de cantar.

Por um instante Ethan sentiu uma pressão no ar. Deu um passo para trás, o coração acelerado, e decidiu não passar mais tempo ali. Virou-se, subiu no quadriciclo e voltou para a torre o mais rápido que pôde.



De volta à segurança da torre, tentou racionalizar o que havia visto. *Talvez alguém esculpiu isso anos atrás*, pensou. Um hippie, um visitante... ou até algum guarda florestal. Mas quanto mais pensava, mais inquieto ficava. Quem quer que tivesse esculpido os símbolos parecia querer deixar um aviso, mas para quê? Para quem?

Naquela noite, enquanto o vento zunia lá fora e as sombras se alongavam, Ethan percebeu algo estranho no rádio. Ele havia acabado de fazer seu contato habitual às 18h, mas, enquanto ajustava o volume, percebeu um som baixo, quase imperceptível, vindo do outro lado da frequência.

Era quase um sussurro.

Palavras indistintas, faladas rápido demais para serem compreendidas, mas com tom de urgência, como o de um alerta. Desligou o rádio com força, tentando afastar o pânico.

A solidão estava começando a se despedaçar, e, em seu

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

lugar, algo mais inquietante estava tomando forma.

4 O DIÁRIO PERDIDO

Ethan acordou naquela manhã com uma sensação inquietante de que a floresta estava segurando seu sono, deixando-o suspenso entre o descanso e o pesadelo.

A luz da manhã entrava pelas janelas da torre em ângulos estranhos, pintando sombras tortuosas nas paredes. Enquanto tomava seu café amargo, um hábito que havia adquirido mais por necessidade do que por gosto, seus olhos caíram sobre o diário que encontrara dias antes.

Ele ainda não sabia por que não o jogara fora. Algo no objeto o incomodava, como se tivesse segredos obscuros guardados, esperando para ser revelados.



Naquela tarde, enquanto reorganizava o pequeno espaço da torre, sentiu um vazio estranho em uma das tábuas do piso

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

próximo ao fogão. Se abaixou e passou a mão pelo local. A madeira ali estava diferente, gasta e com uma borda irregular com farpas. Era um compartimento oculto. *Putá merda*, soltou em voz alta, sem se dar conta.

Com esforço, conseguiu levantar a tábua. Dentro, envoltas em um pano velho e empoeirado, estavam as páginas rasgadas do diário. Suas mãos tremeram enquanto as desdobrava. A caligrafia era a mesma das páginas que já havia lido, mas estas eram diferentes. Elas transbordavam desespero, como se o autor tivesse escrito enquanto lutava contra algo desconhecido.



A primeira página dizia: *“As vozes começaram à noite. No início, pensei que era o vento. Mas não era. Elas murmuram meu nome agora”*.

Ethan engoliu em seco. Virou a página com cuidado, sentindo que cada palavra pesava mais do que deveria.

“Estou sendo observado. Sempre. Não importa a hora. Às vezes vejo sombras que não deveriam estar lá. Outras vezes, sinto que algo está me seguindo quando estou nas rondas. Mas nunca vejo nada. Algo, talvez a floresta, esteja à espreita”.

Ele começou a sentir um frio estranho na espinha enquanto lia. A floresta ao redor da torre, que até a pouco parecia ser apenas um mar de árvores, agora parecia algo vivo, consciente.



Uma das últimas páginas foi a que mais o abalou: *“Tentei entrar em contato com a base, pedir para sair antes do fim do meu turno. Mas a rádio não funciona mais para eles, apenas para... seja lá o que está aqui comigo. Ontem, enquanto dormia, ouvi passos dentro da torre. Mas eu tranquei a porta. Eu sei que tranquei. Quando descí, havia marcas na parede, arranhões profundos como garras. Não vou sobreviver aqui. Acho que estou enlouquecendo, é isso...”*

O texto se tornava mais desconexo nas páginas seguintes, até que as palavras finais saltaram aos olhos de Ethan: *“A floresta não me deixará partir”*.



Ethan deixou o diário com as páginas rasgadas cair sobre a mesa, sua respiração pesada no silêncio da torre. Ele tentou se convencer de que tudo aquilo era fruto da imaginação de alguém perturbado. Talvez o antigo guarda tivesse ficado louco devido ao isolamento, vendo e ouvindo coisas que não estavam lá.

Mas, no fundo, somente sentia medo.

Nos dias seguintes, as palavras do diário começaram a ecoar em sua mente. Pegava-se olhando para a floresta por longos períodos, esperando ver alguma coisa entre as árvores.

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

Nas rondas, pilotava o quadriciclo mais rápido, com medo de algo que ainda não conseguia identificar ou explicar.

Naquela noite, ao tentar dormir, Ethan jurou ter ouvido um sussurro.

“Ethan...”

Era quase imperceptível, mas claro o suficiente para fazê-lo sentar-se na cama, o coração disparado. Se levantou, pegou a lanterna e olhou em volta. Nada. Apenas o ranger da torre e o vento lá fora.

Mas, pela primeira vez, Ethan acreditou que não estava sozinho. E talvez nunca tivesse estado.

5 A DESCOBERTA DA CAVERNA

Ethan estava em uma de suas rondas habituais, com o quadriciclo roncando, quando ouviu algo que chamou sua atenção. Não era o som dos abetos se balançando com o vento ou o farfalhar de pequenos animais movendo-se pela vegetação. Não, esse som era distinto, distante, mas inconfundível. Um uivo, ou talvez uma lamúria de uma criatura perdida, ressoando por entre as árvores.

Parou o quadriciclo imediatamente, o motor ainda estalando e quente, e escutou.

O vento voltou a soprar, misturando os sons naturais da floresta. Mas o uivo lamurioso e terrível... ainda estava lá.

Ethan ajustou os binóculos e vasculhou a área à sua volta, mas nada parecia fora do normal. Abetos altos, o horizonte recortado pelo pico das montanhas ao longe, a infinidade verde de uma floresta sem fim. Ele sabia que não deveria se afastar muito do trajeto marcado, mas algo o impulsionou a

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

seguir aquele som. Algo dentro dele estava desesperado por respostas, como se o uivo tivesse sido um grito de socorro, um chamado vindo de algum lugar que ele ainda não compreendia.

Com um suspiro, desligou o quadriciclo e se afastou pela trilha, seguindo a direção do som. O terreno se tornava mais acidentado, as árvores mais fechadas, e logo estava andando por uma área em que os tons da floresta pareciam engolir o pouco de céu que restava.

O uivo continuava a ecoar, mais fraco, mas ainda presente, até que, em um pequeno vale isolado, Ethan encontrou o que procurava.



Sua entrada era estreita, disfarçada por uma cortina de musgo espesso que parecia absorver a luz. Ela estava ali, camuflada entre as pedras e raízes das árvores, como uma ferida na terra, algo que deveria permanecer escondido. Ele hesitou por um momento, uma sensação de desconforto se espalhando por seu corpo. Mas o som, o uivo que se misturava a uma espécie de murmúrio abafado, parecia vir de dentro. Com o coração acelerado, engatinhou até a entrada da caverna e entrou.

O cheiro era o primeiro a atingir seus sentidos, um odor enjoativo e doce, ele sabia que aquilo somente poderia ser carne em decomposição e o cheiro úmido da terra, o hálito

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

fétido da morte. Sua lanterna iluminava as paredes rochosas, escuras e escorregadias. Deu mais um passo para dentro e, ao longe, sua luz revelou algo que fez seu estômago revirar.



Estava ali, encostado contra uma das paredes da caverna, em um estado avançado de decomposição. Mas o mais perturbador não era a podridão ou o aspecto grotesco da carne desfeita, era a expressão no rosto do cadáver. Um horror absoluto. O rosto contorcido em uma máscara de desespero, os olhos semicerrados sem brilho, uma rigidez que não poderia ser de quem morrera em paz. Era uma angústia que atravessava a morte, como se o homem tivesse experimentado um pavor insuportável até o último suspiro.

Ethan engoliu em seco, o ar lhe faltando por um instante. Então se deu conta de algo de familiar, era o uniforme de guarda florestal, imediatamente viu na tarja bordada o nome *Barton*, aquele que assinara o diário que encontrou na torre. Agora o que mais o assustava não era o estado do corpo, mas a sensação de que algo ainda o observava.

Com mãos trêmulas, Ethan se aproximou cautelosamente. O chão rochoso estalava sob seus pés, como se a caverna estivesse viva e reagindo à sua presença. Pegou o crachá que estava ao lado do cadáver, as letras embaçadas pelo uso e pela decomposição que escorria. O nome de Barton estava ficando

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

ilegível, mas ainda podia ser lido sem dificuldade.

Foi quando, ao virar-se para sair, a caverna pareceu se mover ao seu redor. Ouviu um ruído, algo que era um sussurro abafado, mas não veio da direção do cadáver. Era como se a rocha estivesse falando, as paredes vibrando com um murmúrio baixo e incompreensível. Ethan olhou rapidamente para os cantos escuros, sua lanterna balançando, tentando iluminar o que não deveria ser iluminado. Sentiu uma presença, algo ali com ele, embora estivesse completamente sozinho.

Sem pensar, se afastou, cambaleando de volta para a entrada, o coração batendo tão forte que quase o impedia de respirar. Aquele lugar, a caverna, estava errado. Não deveria existir. Era um vazio de medo que o envolvia, um eco de uma presença antiga.

Ao sair para a luz da tarde, a sensação de alívio foi imediata, mas não durou. Ele olhou para trás, para o ponto onde a caverna ficava oculta pela vegetação espessa. A impressão de que algo o observava não se dissipou, e três perguntas martelaram em sua mente: *Quem havia colocado o corpo ali? E como Barton morrera sem nenhum ferimento visível?*

E mais importante: *O que ainda estava na floresta, esperando?*

Ethan não teve coragem de olhar mais uma vez para a caverna. Incapaz de pensar mais, virou-se e caminhou apressadamente de volta até o quadriciclo, o som do uivo agora ecoando em sua mente, sem nunca se calar.

6 A PRESENÇA INVISÍVEL

A noite parecia mais longa do que deveria naquele lugar isolado, se arrastava de forma insuportável, como um espectro que se alimentava da paciência da vítima. O ar na torre estava pesado, mais denso do que de costume. Os sons da floresta, que antes já foram calmantes, agora pareciam ameaçadores, tomando uma forma sinistra. Cada estalo das madeiras da torre, cada sussurro do vento, parecia se comunicar com algo que ele não podia ver, algo que se aproximava a cada dia.



Após a descoberta na caverna, as coisas pioraram. O rádio, que antes cumpria sua função de fazer contato pontualmente às 18h, agora parecia ser mais uma fonte de angústia do que de consolo. Quando Ethan se sentava à mesa, esperando pelas palavras que nunca chegavam, algo sempre interrompia a

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

espera. Era o silêncio. Ou talvez, o que ele pensava ser silêncio.

Às 18h em ponto, apertava o botão do rádio, mas ao invés da resposta da base, o que vinha do outro lado era um murmúrio baixo e incompreensível, como se alguém estivesse falando em um tom abafado, distante. Algo que não conseguia identificar, como se houvesse outra pessoa, ali, respondendo a ele com palavras que não conseguiam se formar. Ethan passava minutos esticando os ouvidos, tentando decifrar o som, mas sempre caía no mesmo vazio. Quando o rádio se calava de novo, o alívio era imediato, mas logo seguido por um aperto no peito, uma sensação incômoda de que, de alguma forma, ele estava sendo vigiado, ouvido.



Ethan tentou racionalizar. Não podia simplesmente sair dali sem combinar a retirada com a central; eram centenas de quilômetros por estradas e trilhas precárias. Ele não tinha um veículo em condições nem combustível suficiente. O rádio, talvez, estivesse com defeito – Deus sabe o quão velho aquele equipamento era. O sinal, sem dúvida, deveria ser fraco. Mas havia algo mais, algo que ele não conseguia explicar. Quando a noite caía, começava a ouvir outros sons.

Primeiro, eram apenas sussurros. Descartáveis. Sons baixos, indistinguíveis, que ele atribuía ao vento, ao ranger das árvores. Mas, com o tempo, os sussurros começaram a se

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

transformar em palavras. Era difícil entender, mas Ethan sabia que alguém, ou alguma coisa, estava falando. As vozes não vinham de dentro da torre. Elas vinham de fora. Da floresta. Eram fragmentos, retalhos de frases que mal conseguia captar, mas que se arrastavam até seus ouvidos, como um convite para algo que ele não queria ouvir.

“Ethan...”

“Você está... está ouvindo?”

“Eles... querem...”

Cada palavra parecia se enroscar em seu cérebro, pegando-o em uma teia invisível de medo. De onde vinham essas vozes? Por que não podiam ser naturais, como o som de um animal, ou o zumbido da brisa? Não. Havia algo errado, uma presença que ele não conseguia ver, mas que sentia como um peso constante sobre si.



Numa dessas noites, enquanto tentava se manter ocupado, consertando o velho quadriciclo que teimava em falhar, Ethan teve a sensação de que algo se movia na escuridão. Parou, o ar ficou tenso, e seus olhos vasculharam a floresta, tentando identificar o que fosse. Nada. Apenas sombras que dançavam com o vento. Mas, ao fundo, por entre os abetos, viu um movimento. Algo grande. Algo alto.

Ele piscou, tentando focar, mas o vulto desapareceu com

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

uma rapidez assustadora.

Aquela visão, ou seria uma ilusão? o deixou tenso, mas foi o que aconteceu na noite seguinte que realmente o abalou.



Foi quando ele teve o sonho.

A torre estava envolta por uma escuridão profunda, mais escura do que uma noite sem lua, uma escuridão que engolia até as estrelas. E ao redor dela, figuras. Silhuetas altas, sem rosto, mas com presença, se movendo lentamente ao redor da base da torre. Ethan tentava gritar, tentava fugir, mas suas pernas pareciam presas ao chão. E as figuras, essas sombras sem nome, vinham mais perto, sempre mais perto, até que ele podia sentir o frio da presença sem vida delas na sua pele.

Ele acordou ofegante, o coração disparado. O pânico o tomou imediatamente. Não era apenas um pesadelo. Ele sabia. Aquelas figuras estavam ali. Estavam ao redor da torre. Ele não estava sozinho. Algo, ou alguém, estava esperando. A floresta... A floresta estava viva, e não de uma maneira natural. Havia algo imbuído nela, algo que se escondia entre as árvores, nas sombras, esperando. Observando.



Saltou da cama e foi até o rádio, com as mãos trêmulas.

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

Mais uma vez, o horário já tinha passado das 18h, mas ele precisava tentar.

“Base, base, aqui é Ethan. Alguém me ouviu? Preciso de...”

O rádio chiou e estalou, mas nada mais. Nenhuma voz, apenas aquele som abafado, como se algo tentasse atravessar a comunicação. Ele apertou o botão novamente, com mais força, com mais desespero.

“Base! Alguém! Por favor, preciso de ajuda!”

Mas a única resposta foi o mesmo chiado estático, como se a floresta estivesse se alimentando de suas palavras, engolindo sua voz, deixando-o cada vez mais impotente, mais pequeno diante da vastidão que o cercava.



Ethan desligou o rádio e olhou pela janela. A floresta estava quieta, mas ele sabia. Sabia que algo estava lá fora, observando-o. Invisível, mas que fazia sua presença ser sentida a cada instante. Ele estava sendo consumido por ela, como um rio que arrasta um galho, sem misericórdia, sem esperança de fuga.

E, no fundo, ele sabia que as coisas não iriam melhorar.

7 A DECADÊNCIA DA MENTE

Ethan não sabia mais em que momento a linha entre o real e o irreal se desfez. A floresta, que antes era uma entidade imponente e imutável, agora estava viva, se esticava e se contorcia ao seu redor, com mente própria. A torre, que no início parecia um abrigo de solidão, se transformava em uma prisão. As paredes se fechavam ao seu redor, e ele sentia como se estivesse sendo esmagado, engolido pela escuridão crescente que tomava conta de seus pensamentos.

A cada dia, se sentia mais fraco, mais irreconhecível. Seus olhos estavam sempre cansados, sua mente em frangalhos. Ele se arrastava pelos deveres diários, como cortar lenha, monitorar a floresta, manter o rádio ligado, mas nada parecia mais real. Não conseguia se livrar do sentimento de que algo o vigiava. Algo que estava dentro dele, esperando para ser despertado.

Aqueles sussurros... Eles eram mais do que uma mera

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

alucinação. As vozes vinham sempre de um lugar profundo na floresta, onde as árvores formavam uma barreira intransponível de sombras. Mesmo durante o dia, o sol parecia falhar ao tentar penetrar naquele lugar. Era como uma névoa sobrenatural tornando a realidade e a ilusão indistinguíveis. Ele podia jurar que as árvores sussurravam seu nome, que o vento carregava palavras antigas e incompreensíveis, que o céu ficava cada vez mais baixo, tentando espremê-lo contra a terra.

“Anima immunda, in aeternum damnata”.

“Ignis Inferni...”.



Na noite em que decidiu agir, Ethan encontrou uma velha Bíblia em um compartimento escondido dentro de uma prateleira. Ela estava suja, as páginas amareladas pelo tempo, e cheirava a tempos antigos, mas algo nela o chamou. Ele não acreditava em milagres ou em qualquer poder sobrenatural, mas estava desesperado. Talvez a Bíblia, com suas palavras de consolo, pudesse acalmar a tempestade em sua mente. Ele se sentou à mesa, ligou o velho lampião a querosene e abriu a Bíblia na primeira página que conseguiu alcançar.

“[...] Qual é o teu nome? E ele disse: Legião, porque muitos demônios me habitam”.

“[...] Então os porcos tomados pelos demônios, se atiraram do precipício [...]”.

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

Ler aquelas palavras somente trouxe mais terror. Ao contrário do que esperava, elas pareciam distorcidas, como se as frases estivessem se movendo na página, mudando de forma para algo que ele não conseguia entender. O texto se repetia, palavras se entrelaçavam, formando sentenças que o faziam tremer. Era como se as palavras da Bíblia não fossem mais as mesmas, como se a essência do livro tivesse sido corrompida pela presença que ele sentia crescer dentro da floresta.

Novamente procurou aleatoriamente uma página de consolo no livro santo, mas tudo que viu:

“[...] seus filhos serão despedaçados, e as suas mulheres grávidas serão rasgadas”.

Tentou orar, seguir os rituais que conhecia de sua infância, mas a cada palavra, o ambiente ao redor parecia ficar mais pesado. O ar estava saturado com uma sensação de presságio, uma presença que não estava ali para oferecer conforto, mas para devorar qualquer resquício de fé que ele ainda tivesse. Ethan sentia o olhar de algo maligno o observando, algo que o acompanhava de perto, como uma sombra que se movia pelo canto de seus olhos. Sempre que ele tentava rezar mais alto, o peso da escuridão aumentava, como se o mal o estivesse rodeando.



A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

Na manhã seguinte, acordou ensopado de suor, após uma noite de pesadelos sufocantes; Ethan se aventurou pela floresta, tentando afastar a sensação de pavor que o consumia. Pegou o quadriciclo, mas o velho motor, uma vez mais, falhou e o deixou no meio do caminho. Quando desceu para tentar empurrá-lo, algo em seus olhos captou um movimento na distância. Olhou com mais atenção. Rastros. Pegadas que pareciam humanas, mas que não se alinhavam com nenhuma trilha conhecida. Elas estavam ali, visíveis, frescas, ele podia jurar que as havia visto antes.

Aproximou-se cautelosamente, tentando não fazer barulho, mas, quanto mais se aproximava, mais os rastros pareciam se afastar. Como se as pegadas tivessem vida própria, como se alguém, ou algo, estivesse tentando levá-lo para algum lugar mais à frente, sempre fora de alcance. Ele procurou, subiu e desceu pequenas colinas, mas à medida que avançava, as pegadas que ficavam para trás pareciam se desvanecer no chão. A terra engolia os vestígios, como se tentando limpar as provas, escondendo qualquer indício do que acontecia ali.

A cada passo que dava, o medo crescia. Por um momento, teve a sensação de que não estava mais apenas seguindo as pegadas. Estava sendo seguido. Os vultos que via, as sombras que dançavam ao longe, todas pareciam se aproximar mais, a floresta tentava cercá-lo? As árvores se fechavam ao seu redor, o prendendo em um labirinto de confusão. O som da relva sob seus pés parecia mais forte, mais carregado de peso.

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

Começou a correr, sem direção, sem um objetivo claro, sentindo o pânico o consumir. Mas, ao olhar por cima do ombro, não viu nada. Nada além da floresta escura. E, ainda assim, sabia. Sabia que algo estava atrás dele. Algo invisível, mas que sentia sua presença, que respirava no mesmo ritmo que ele. E foi nesse momento que Ethan percebeu: não era ele quem estava caçando evidências. Ele era a caça.



Voltou para a torre, exausto e aterrorizado. Sentou-se, tentando acalmar a respiração. O rádio estava em silêncio, como sempre, mas ele sabia que não estava sozinho. Algo estava ali, esperando. Algo que já não conseguia mais distinguir da floresta. E, em algum lugar profundo dentro de si, soubera desde o início que nunca sairia dali. A floresta, a torre, o diário, a Bíblia, a presença... tudo estava conectado. Ele estava preso a aquele lugar, mais do que fisicamente. Estava perdido em sua própria mente. Algo dentro de si havia sido corrompido.

Ethan não sabia mais o que era real. Tudo o que sentia era o crescente e opressor peso da decadência da sua sanidade; mas sabia, com uma certeza aterradora, que esse peso não o deixaria nunca mais.

8 O MAL QUE O HABITA

Ethan acordou com a respiração pesada, o suor escorrendo pelo rosto. O que aconteceu? Não sabia, mas uma sensação de desconforto se apoderava dele. O ar parecia rarefeito, como se o oxigênio tivesse sido parcialmente drenado do interior da torre.

Ele sentiu algo estranho em suas mãos. Quando as olhou, um grito seco escapou de sua garganta. Estavam cobertas de sangue. O vermelho escuro contrastava com a cor da pele, e o líquido ainda parecia fresco. Tentou se lembrar, mas a mente estava em branco, havia uma lacuna. Algo foi arrancado de dentro, deixando-o em um estado de vazio profundo.

Com mãos trêmulas, tocou o rosto, buscando a realidade, uma explicação. Mas nada. Não havia nenhuma explicação que fizesse sentido. Se levantou da cama, cambaleando, e foi até o espelho. O reflexo que viu não era o de um homem normal. Seus olhos estavam borrados, com círculos negros e inchados.

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

Sua barba estava mais longa, mas não foi isso que o fez recuar com um frio na espinha. Foi o olhar. Havia algo nos seus olhos que não reconhecia, uma sombra. Uma ferocidade que não era sua.



O rádio estava em silêncio, mas ele sabia que o que acontecia agora não tinha a ver com qualquer transmissão. Sentiu um impulso repentino de olhar seu diário. Talvez ali houvesse alguma pista, alguma resposta para o que estava acontecendo. Então o pegou, abriu na primeira página, e viu a escrita que não lembrava ter feito. As palavras eram cruéis.

“Eu os vi. Eles estavam ali, na beira da floresta. O sangue escorrendo das mãos, mas não pude evitar. Eles estavam tão perto. Tão próximos. Agora, eles estão dentro de mim”.

Ele folheou mais algumas páginas e encontrou descrições ainda mais perturbadoras: *“O cheiro de carne fresca. A sensação de controle, o poder nas minhas mãos. Eu os sigo. Eu os manipulo. Eu os vejo cair”.*

Ele não se lembrava disso. Não sabia quem estava descrevendo, mas cada palavra parecia uma condenação. Parecia que seu próprio corpo estivera agido sem sua permissão, guiado por uma força maior, maligna.



Ethan correu para o pequeno depósito onde mantinha o quadriciclo, esperando que, talvez, uma fuga fosse possível. Olhou para o motor, tentando encontrar uma explicação para o fato de sempre falhar quando mais precisava. A chave girou, o motor roncou por um momento e morreu novamente. O velho quadriciclo estava tão frio quanto ele se sentia. E quanto mais tentava fazer funcionar, mais parecia que algo estava conspirando contra ele.

Ele foi até a porta, olhando a vastidão da floresta. Ela estava silenciosa, mas de alguma forma mais ameaçadora. O vento, antes gentil, agora parecia cortante. Os abetos, altos e imponentes, se erguiam contra o céu cinza, se movendo com o vento como se sussurrassem em uma língua que ele não entendia. Algo definitivamente estava ali, naquelas sombras. Algo que o conhecia. Algo que o esperava.

Tentou raciocinar, mas sua mente estava turva, cheia de lacunas. Cada vez mais, sentia que a floresta estava viva, não apenas como um conjunto de árvores, mas como uma entidade, uma força que estava se estendendo de e para dentro dele. Começou a acreditar, com uma clareza apavorante, que não havia sido apenas uma coincidência. O mal que o habitava não tinha vindo de fora. Ele sempre esteve ali. Dentro dele.

A sensação de não ter controle sobre seu próprio corpo se intensificava a cada minuto. Sua mente estava se

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

desintegrando, se quebrando, como uma casa velha, prestes a desabar. Sentia que não poderia mais confiar em si mesmo, que a linha entre o que sabia e o que fazia estava se tornando mais tênue.



E então ele lembrou. A caverna. O corpo. O rosto do guarda florestal, congelado em uma expressão de terror. Ele havia visto algo naquele lugar, algo que o havia marcado, algo que o tinha tocado. A caverna não era apenas um esconderijo de morte. Era o ponto de origem. A fonte de tudo. E agora ele estava sendo consumido por ela.



Ele voltou para o diário, e os pensamentos começaram a girar como um turbilhão. O que mais havia escrito? Virou as páginas rapidamente, desesperado, até que uma nova mensagem apareceu diante dele, mais recente. Uma escrita apressada, com as palavras quase se sobrepondo:

“Eu não posso mais parar. Eles pedem por isso. Eles querem que eu os guie. Eles... eles precisam do sangue. Eles precisam de mim”.

Ethan se levantou, paralisado pela revelação. Queria gritar, queria correr, mas seu corpo não respondia. As palavras começaram a formar uma imagem em sua mente, uma imagem

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

que o fez tremer de medo. Sabia agora o que estava acontecendo. Não era ele quem estava sendo perseguido. Ele era o perseguidor. Ele era o caçador.

Tentou gritar por ajuda, mas sua voz parecia abafada, engolida pela floresta ao redor. Tentou correr, mas os próprios pés pareciam se arrastar, presos à terra, como se raízes invisíveis estivessem prendendo seus tornozelos. A floresta, a torre, a caverna... tudo estava se unindo em uma teia de horror que o aprisionava. Não havia escapatória. Ele não estava mais apenas preso fisicamente, mas mentalmente. O mal o havia tomado.



E ele sabia que não haveria fim. O ciclo se repetiria. Faria o que estava destinado a fazer. Perseguiria, mataria e, eventualmente, seria consumido. Até que não sobrasse mais nada.

O mal que o habitava não estava apenas em sua mente. Ele era o mal.

9 O CONFRONTO FINAL

A floresta estava em silêncio, mas ainda havia algo nas árvores, no vento que soprava com força, que lhe dizia que não estava sozinho. Ethan sentiu um peso sobre os ombros, uma pressão que o comprimia. Não podia mais adiar o confronto. Sabia que precisava voltar à caverna, o lugar onde tudo começou, onde as sombras que o atormentavam haviam se originado. Ali, ele acreditava, encontraria respostas. Ou talvez, o fim.

Atravessou a mata densa, o som de seus passos abafados pela vegetação espessa. Seus olhos estavam focados em um ponto imaginário à frente. O céu estava encoberto por nuvens escuras. A atmosfera parecia refletir a gravidade do que estava prestes a acontecer.

Quando chegou à entrada da caverna, foi rodeado por um sentimento de terror, e pensou em desistir. A escuridão parecia mais profunda, engolindo-o antes mesmo de pisar dentro dela.

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

Hesitou por um momento, a dúvida tomando conta, mas logo se forçou a seguir. Ele precisava entender. Precisava saber o que realmente estava acontecendo. O que estava acontecendo com *todos*.



Ao entrar, o ar cheirava a podridão e terra úmida. Ele segurou a lanterna com mãos trêmulas, as luzes vacilando à medida que caminhava pelos corredores estreitos e tortuosos. A umidade aumentava à medida que avançava, o som da água escorrendo ecoando nas profundezas. E então, lá na escuridão, ele viu.

Figuras sombrias se materializavam, esboços de formas humanas, mas distorcidas, como se o espaço estivesse deformando. Seus olhos brilhavam com uma luz púrpura, inumana, e seus corpos pareciam não ter uma consistência definida, se arrastando pela caverna como espectros de algo que jamais deveria ter existido. Eles o cercaram, e Ethan sentiu sua presença como uma dor física, como se sua alma estivesse sendo puxada para dentro daquelas criaturas.

“*Você finalmente chegou*”, uma voz sibilante disse, vindo de uma das sombras. A voz não tinha forma, nem gênero, nem lugar, nem tinha certeza se falava em seu idioma. Parecia vir de todos os cantos, reverberando na caverna.

“*Você já é um de nós*”, outra voz sussurrou, ríspida, quase

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

zombando. *“Já estamos dentro de você, Ethan. Já tomamos o controle. Você não pode mais escapar”*.

Ethan deu um passo para trás, o pânico começando a se espalhar como fogo em seu peito. Ele queria gritar, queria correr, mas algo o segurava, como correntes invisíveis ao redor de seus tornozelos. Olhou para suas mãos. Não havia mais sangue nelas, mas o cheiro daquele lugar parecia impregnado em sua pele. As palavras que havia lido em seu diário, agora distorcidas pela percepção, passaram a fazer sentido. Ele já estava perdido. Já estava consumido.

“Não... isso não pode ser verdade”, murmurou para si mesmo, tentando se agarrar à mínima centelha de lucidez. *“Eu posso lutar. Eu posso lutar contra isso”*.

Mas as figuras ao seu redor começaram a rir, suas risadas ecoando pelas paredes de pedra da caverna. A risada era baixa, gutural, um som que fazia sua espinha se curvar de terror. Eles o observavam com diversão, sabendo que era apenas uma questão de tempo até ele sucumbir.

“Você acha que pode resistir, Ethan?” uma delas perguntou, sua voz grave, quase sedutora. *“A floresta é nossa. Tudo é nosso. Você, nós, e tudo o que você tocou. Você não escapa de nós. Nunca escapa”*.

Aquelas palavras, ditas em uníssono, com todas as sombras falando ao mesmo tempo, bateram em Ethan com a força de uma onda. Caiu de joelhos, a dor tomando conta de seu corpo, de sua mente. Ele queria novamente gritar, mas a voz falhou. O que era real? O que era ele? O que restava de Ethan L.

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

Carter naquelas profundezas, nas garras daquela presença impiedosa?



Ele olhou para o chão, tentando se concentrar, tentando lembrar de quem ele era antes de tudo isso. Antes da floresta. Antes da dor. Antes da perda. Mas nada vinha. Sua própria identidade estava se desintegrando, se diluindo nas sombras ao seu redor.

E então, como um reflexo, sentiu algo. Uma força dentro de si, uma última tentativa de resistência. Ele se levantou, as mãos tremendo, mas com uma intensidade que não conhecia. Ele não sabia de onde vinha essa força, mas estava ali, tomando o controle de seu corpo novamente, ainda que momentaneamente.

“Você está perdido, Ethan”, uma das sombras falou com uma voz de cinismo. “Não há mais nada que você possa fazer. Não há mais escolha”.

Mas ele não quis ouvir. Sentiu o peso em seu peito, uma carga que o puxava para frente, empurrando-o para o centro da caverna. Não sabia se estava lutando contra os seres ou contra si mesmo, mas não queria mais ser uma marionete. Não queria ser parte daquele mal.

Ele levantou as mãos, sentindo uma energia desconhecida, como se as sombras tentassem o devorar por completo. E

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

então, gritou. Não de dor, mas de raiva. De revolta. De pura vontade de lutar contra aquilo que queria possuí-lo. A voz saiu rouca, como se não fosse sua, mas foi suficiente para estancar a dança das sombras ao seu redor.

De repente, a terra começou a tremer. As pedras na caverna começaram a rachar, e o som da natureza distorcida ficou mais forte, mais ameaçadora. As figuras sombrias se agitaram, Ethan estava rompendo algo que elas não queriam que fosse quebrado. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas sabia que uma última chance lhe fora dada. E essa chance estava se esvaindo rapidamente.

Em um último impulso desesperado, Ethan virou-se para a entrada da caverna. Sua mente estava em frangalhos, mas não podia mais ficar ali. Não podia. Ele não queria ser a próxima vítima da floresta. Então correu, sem olhar para trás, sem saber se estava saindo de lá por sua própria vontade ou se estava sendo puxado para o fim.

Mas a floresta... ela já o possuía. E ele já sabia disso. O mal estava dentro dele.

10 O ECO DA TORRE

A noite tinha caído como um manto pesado sobre a torre. O vento uivava nas árvores, cantando uma melodia sombria; os galhos sussurram segredos da floresta. Ethan, sentado na beira da janela, olhava para o vazio, tentando organizar sua mente quebrada. As sombras, aquelas mesmas que ele jurava ter controlado, o observavam, esperando, como se soubessem o que ele estava pensando.

Ele se lembrava do corpo do agente florestal, o cadáver que ele havia encontrado na caverna. O rosto do homem, ainda com a expressão de pavor congelada, assombrava suas noites. Ethan agora via aquele olhar em seus próprios olhos, refletido nas poças de água nas quais às vezes olhava ao se aproximar do velho chuveiro da torre. Ele sentia como se já estivesse morto, como se, por dentro, tivesse sido consumido de alguma forma. Mas ainda respirava, ainda se arrastava, preso entre os últimos vestígios de sua humanidade e a força que o

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

controlava.

O rádio, silencioso por algum tempo, agora emitia um zumbido irregular, um som baixo e constante que parecia ecoar pela torre como um lembrete de que algo ainda o vigiava. Algo estava à espreita. Algo que não conseguia controlar.

Ele sentiu a força do vazio dentro de si, a pressão esmagadora de seu desespero. Não havia mais esperança. As vozes da floresta, as imagens do cadáver, a constante sensação de estar sendo observado, tudo isso se fundia numa neblina densa dentro de sua cabeça. O mal não o havia possuído apenas fisicamente, mas o havia aniquilado por completo. Ele já não se reconhecia. Não havia mais espaço para Ethan L. Carter no mundo. Ele era só mais uma sombra, mais uma alma perdida naquela loucura controlada pelas garras da floresta.

E então, com uma frieza desesperada, se levantou. A escada de ferro rangia ao vento gelado e com sopros constantes. As mãos, trêmulas, tocaram a corda que ficava na borda da torre, onde um nó estava pronto, como que preparado pelo próprio destino para o fim.

Ele não hesitou. Não havia mais razão para hesitar.



A corda esticou-se com um som seco, quebrando o silêncio da noite, e, de algum modo, Ethan sentiu uma espécie de alívio. A escuridão da floresta à sua volta parecia agora

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

acolhedora, como se finalmente fosse ser absorvido por ela. Ele virou os olhos para baixo, para o vazio que o esperava, e sentiu o peso de sua escolha se espalhar por seu corpo.

Com um último suspiro, se entregou.

A corda balançava, e o mundo à sua volta foi reduzido ao som abafado de sua própria respiração, que se foi tão rápido quanto veio.



Mas a floresta, a torre, o rádio e a própria noite não descansaram.

Na base, a estação de monitoramento continuava recebendo o contato da torre, pontualmente às 18h. A comunicação estava lá, como sempre estivera, como se nada tivesse mudado, como se Ethan ainda estivesse cumprindo seu turno na vigília. As mensagens não eram claras. Às vezes, parecia que ele estava falando; outras vezes, o som era apenas estático, mas sempre, implacavelmente, o rádio emitia uma voz que ninguém sabia de onde vinha.

Quarenta dias se passaram sem uma presença física no interior da torre. Mas as palavras continuavam a partir daquele rádio antigo. Uma voz que se parecia, mas não pertencia a Ethan, nem poderia. Algo estava falando. Algo havia tomado posse de sua voz.



Finalmente, uma equipe foi enviada. Eles chegaram com equipamentos e lanternas, empurrados pela necessidade de esclarecer o que havia acontecido com o agente florestal que se recusava a abandonar o posto, a ir ao encontro do próximo transporte, a dar explicações. O clima na base era tenso. Os dias haviam se estendido, e a ausência de Ethan L. Carter tornou-se um enigma que ninguém queria tentar entender completamente.

A chegada deles foi marcada por uma quietude desconcertante. O vento havia parado. Até os pássaros estavam em silêncio. O primeiro passo que deram em direção à torre foi como um sinal de que a natureza estava observando.

Quando alcançaram a base da torre, o ar estava frio, carregado de uma tensão quase palpável. As escadas rangiam sob o peso deles, como se estivessem cientes de que algo estava prestes a ser revelado.

Ainda antes de entrarem na torre, o cheiro de decomposição os atingiu, forte e nauseante. O ambiente estava frio, o rádio no interior estava ligado, emitindo aquele som baixo e repetitivo. No topo da escada, na beira da janela, o corpo de Ethan estava lá, balançando levemente, já em estado avançado de decomposição. O horror estava estampado em seu rosto, retratando um instante de consciência final, antes de sucumbir. Seus olhos estavam fixos, mas incapazes de ver.

A VIGÍLIA NA TORRE DO SILÊNCIO

O rádio continuava a emitir sons. A voz, abafada, falava, mas ninguém entendia. Havia uma distorção, uma interferência constante. Como se a floresta estivesse tentando se comunicar, como se algo além da morte ainda vivesse ali, na torre, no corpo de Ethan, e agora na própria terra.

O último eco de uma alma perdida ainda pairava no ar.



A equipe ficou ali, paralisada pela visão. O rádio ainda estava ligado, e a voz continuava a emitir sons que se tornaram cada vez mais desconcertantes. E, com isso, algo mais profundo e terrível tomou conta da cena. Ethan, ou o que restava dele, nunca foi realmente libertado. O mal da floresta ainda estava presente, e continuaria a se espalhar, porque, no fim das contas, ele nunca havia realmente partido.

E, de alguma forma, os ecos da torre continuariam a ressoar, até o último suspiro de vida de cada um dos membros da equipe de resgate.



Fim.

